

## Silence, Duchamp e Blavatsky

Ao iniciar minha pesquisa sobre John Cage, músico compositor, escritor e artista plástico americano que viveu entre 1912 e 1992, encontrei de mais significativo a obra *Silence*, seu livro-de-artista, segundo Annateresa Fabris.

Ela nos mostra que a obra *Silence* "revela a pesquisa inerente às operações artísticas, que enfatiza o processo de leitura em detrimento da percepção, o conceito em detrimento da contemplação"<sup>1</sup>, e é, por isto, obra de arte.

*Silence* contém textos de palestras, história da música experimental, e principalmente pensamentos sobre o futuro da música, sobre a música contemporânea e sobre o modo de agir musicalmente. Agir musicalmente, para Cage, é silenciar as ações musicais e ouvir. Assim ele nos conta em entrevista de 2 de fevereiro de 1991 em Nova Iorque, um ano anterior a sua morte:

*“A experiência sonora que eu prefiro a todas as outras é a experiência do silêncio. E o silêncio em quase todo lugar no mundo é tráfego. Se você ouvir Beethoven ou Mozart você verá que é sempre o mesmo. Mas se você ouvir o tráfego você verá que é sempre diferente.”*<sup>2</sup>

Em busca desta música sempre nova, Cage encontrou seu conceito de silêncio, mas seu conceito de silêncio não estaciona na música do ambiente. Ela exige um estado, o estado da escuta atenta aos sons, e assim uma consciência do presente que chega a ele através do Zen e da filosofia oriental.

Sabendo disto fui buscar na história, quais foram os pensadores (filósofos, artistas, etc.) com quem Cage tivesse encontrado antes de construir seu pensamento fundamental na história da música.

O silêncio mais próximo de Cage se encontra em um amigo seu, Marcel Duchamp, artista francês que viveu entre 1887 e 1968. E, um pouco mais distante, em Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), escritora que nasceu na Rússia e morou em Nova Iorque e dedicou-se toda a vida a trazer o pensamento oriental ao ocidente e cujos escritos Cage conheceu.

Irei contar um pouco dos silêncios de cada um, para depois relacioná-los e salientar a importância destes primeiros para o silêncio de Cage.

Blavatsky, sabendo de cor os ensinamentos orientais, transcreveu-os aos ocidentais, não produzindo portanto nenhum ensinamento próprio. Em seu livro *A Voz do*

---

<sup>1</sup> FABRIS, Annateresa. *O livro de artista: da ilustração ao objeto*, O Estado de São Paulo, 1988.

<sup>2</sup> *John Cage* – compositor – Nova Iorque, 4 de fevereiro de 1991, vídeo baixado em janeiro de 2010 do site [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Tradução minha.

*Silêncio*<sup>3</sup> está um conceito de silêncio como lugar imaterial. Trata-se do ponto de chegada para aqueles que buscam uma iluminação, mas iluminação, como diz Cage, “não é algo estranho e uma condição extraterrena”<sup>4</sup>, pois após estudar o Zen conhece-se que todas as coisas estão ligadas.

O lugar-silêncio é também e ao mesmo tempo estado, verbo, presente contínuo. Diz ela: “Quando houver cessado de ouvir os muitos, poderá discernir o UM”. E mais adiante: “Afinaste teu coração e tua mente com o grande coração e mente da humanidade? Pois, como na rugente voz do Rio sagrado ressoam todos os sons da Natureza \*, assim deve o coração daquele ‘que quer entrar na corrente’, vibrar em resposta a cada suspiro e pensamento de tudo quanto vive e respira”.

Quando pensei estar adentrando-me demasiadamente em terrenos impalpáveis, leio o rodapé do asterisco após a palavra Natureza: “Os budistas do Norte e, de resto, todos os chineses, sentem no fundo rugir de alguns dos grandes rios sagrados, a nota tônica da Natureza. Daí o símile. É um fato bem conhecido, tanto em Física como em Ocultismo, que o som global da natureza – tal como se houve no rugir dos grandes rios, no ruído produzido pelo balanço das copas das árvores, nas grandes florestas, ou o de uma cidade à distância – é uma nota única e definida, de diapasão bem apreciável. Isto o demonstram físicos e músicos. Assim o professor Rice (*A música chinesa*) mostra que os chineses reconheceram este fato há milhares de anos, dizendo que as águas do Hoang-ho, ao fluírem torrenciais, entoavam o *kung*, ‘chamado o grande tom’, na música chinesa. E mostra que este tom corresponde ao F (ou fá), ‘considerado pelos físicos modernos como a tônica efetiva da Natureza’. O professor B. Silliman também menciona isto em seus *Princípios da Física*, dizendo que se crê ser este tom o fá mediano do piano, que, portanto, pode ser considerado a nota tônica da Natureza”.

Para estar no silêncio de que escreve Blavatsky é preciso ouvir continuamente o fá. E para Duchamp o silêncio não tem exatamente ligação com o som, mas é também atitude. Para comentá-lo, cito as palavras de Octavio Paz em *Marcel Duchamp ou O castelo da pureza*:

“Em 1923, Duchamp abandonou definitivamente a pintura do *Grande Vidro*. Desde então sua atividade tem sido isolada e descontínua. Sua única ocupação permanente: o xadrez. Alguns pensam que esta atitude é uma deserção e, é claro, não faltou quem a julgasse como um signo de “impotência artística”. Essa gente continua sem inteirar-se de que Duchamp pôs entre parênteses não tanto a arte como a ideia moderna da obra de arte. Sua inatividade é o prolongamento natural de sua crítica: é metaironia. Sublinho a distinção entre arte e ideia da obra porque o que denunciam os *ready-made* e outros gestos de Duchamp é a concepção de arte como uma coisa – a “coisa artística” – que podemos separar de seu contexto vital e guardar em museus e outros depósitos de valores. A própria expressão “tesouro artístico” revela o caráter

---

<sup>3</sup> BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A Voz do silêncio*. Tradução de Joaquim Gervásio de Figueiredo. Editora Pensamento. São Paulo, 2008.

<sup>4</sup> Cage, John. *Silence*, The M. I. T. Press. Cambridge e Londres, 1961. página 143. Tradução minha.

passivo e lucrativo – não há contradição entre os termos – de nossa noção de obra. Para os antigos como para Duchamp e os surrealistas a arte é um meio de liberação, contemplação ou conhecimento, uma aventura ou uma paixão. A arte não é uma categoria à parte da vida... (...) O silêncio de Duchamp é aberto: afirma que a Arte é uma das formas mais altas da existência, com a condição de que o criador escape a uma dupla armadilha: a ilusão da obra de arte e a tentação da máscara de artista. Ambas nos petrificam: a primeira faz de uma paixão uma prisão e a segunda de uma liberdade, uma profissão. Pensar que Duchamp é um niilista vulgar é uma estupidez: *Gosto da palavra criar. Em geral, quando alguém diz eu sei, não sabe, acredita. Creio que a Arte é a única forma de atividade pela qual o homem se manifesta como indivíduo. Só por ela pode superar o estado animal, porque a Arte desemboca em regiões que nem o tempo nem o espaço dominam. Viver é criar – ao menos é isto que eu creio.*”<sup>5</sup>

O silêncio de Duchamp, é, pois, atitude silenciosa, não vazia. É cheio de vida e agir artístico, assim é em Cage, como podemos conhecer: “Antigamente, o silêncio foi o intervalo de dois sons, útil para uma variedade de fins, dentre eles aquelas harmonias de bom gosto, onde por uma separação de dois sons ou dois grupos de sons a diferença ou a relação deles deve receber ênfase; ou de expressividade, onde silêncios em um discurso musical deve prover pausa ou pontuação; ou de novo, da arquitetura, onde a introdução, ou interrupção do silêncio deve dar definição tanto para uma predeterminada estrutura, quanto para um desenvolvimento orgânico. Se nenhum destes ou outros objetivos está presente, se torna alguma coisa outra, não um silêncio absoluto, mas sons, os sons do ambiente. A natureza deste é imprevisível e mutante. Estes sons (que são chamados de silêncio só porque eles não são parte de uma intenção musical) podem ser necessitados de existir. O mundo chove deles, e é, de fato, em nenhum ponto livre deles. Ele, que entrou em uma câmara anecóica, uma sala feita tão silenciosa quanto tecnologicamente possível, ouviu lá dois sons (um alto e outro baixo)<sup>6</sup>, o alto o sistema nervoso do ouvinte em operação, o baixo o sangue dele em circulação. Existe, comprovadamente, sons pra serem ouvidos e pra sempre, ouvidos para ouvir. Onde estes ouvidos estejam em conexão com uma mente que não tem nada pra fazer, mente que está livre pra ação de ouvir, ouvindo cada som como ele é, não como um fenômeno mais ou menos aproximado de um preconceito.”<sup>7</sup>

Se, para Blavatsky o silêncio é um estado, para Duchamp e Cage o silêncio pode ser arte. Mas, para ambos a arte não está separada da vida, e por este caminho seus silêncios encontram o silêncio de Blavatsky. O silêncio de Cage é deixar de falar e compor (com-pôr/fazer música) para ouvir a música do mundo, a música do trânsito, das florestas, das águas. Esta mesma música que é o silêncio de Cage, é o silêncio de Blavatsky, o fá que é o som do mundo. Enquanto que, em Duchamp o silêncio é jogar

---

<sup>5</sup> PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Editora Perspectiva, São Paulo, 2008. (páginas 62 e 63)

<sup>6</sup> Parênteses meu.

<sup>7</sup> CAGE, John. *Silence*. The M. I. T. Press. Cambridge e Londres, 1961. Páginas 22 e 23. Tradução minha.

continuamente xadrez, em outras palavras, viver, e desta maneira fazer arte, arte como postura ética diante da coisificação da arte.

Em todos os pensadores citados, o silêncio é postura, modo de agir, estado, consciência. O pensamento oriental trazido por Blavatsky revela a Cage a conduta do ouvir, que é o seu silêncio. E Duchamp possibilita que Cage, não produzindo “coisas artísticas” continue fazendo arte.